

VARIAÇÕES GUARANI DA TAIPA DE MÃO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DAS MARGENS DE SÃO PAULO NO BRASIL

Anais Guéguen Perrin

CRATerre/ Architecture, Environnement et Cultures Constructives/ UGA (França);
 HABIS/ Instituto de Arquitetura e Urbanismo/ USP (Brasil), anaisgueguen@gmail.com

Palavras-chave: cultura construtiva, indígena, construção com terra, território, recursos material e imaterial

Resumo

Como vários povos indígenas da América, os Guarani costumavam realizar migrações coletivas no território tradicional que se reparte hoje entre Brasil, Uruguai, Paraguai, Argentina e Bolívia. Ao longo destes deslocamentos, a cultura construtiva Guarani passou por mudanças e adaptações, devido aos contextos históricos e geográficos distintos. Hoje, em São Paulo, na Serra do Mar do litoral do sudeste brasileiro, os Guarani reafirmam o ato de construir em taipa de mão, técnica construtiva tradicional nesta região. Este texto busca mostrar como a taipa de mão é percebida e empregada hoje por uma comunidade Guarani, identificando as adaptações que foram feitas tanto com relação ao contexto ambiental e à disponibilidade de recursos associada, quanto ao contexto político local, que ameaça os modos de vida Guarani e exige uma afirmação da identidade e cultura. Baseando-se na revisão bibliográfica, serão expostos os usos de diferentes materiais e técnicas construtivas associadas, situando-os no tempo e no espaço *yvyrupa*, que é o território tradicional dos Guarani. Num segundo momento, além da revisão bibliográfica, o artigo irá se apoiar em trabalhos de campo realizados na Terra Indígena do Jaraguá, para entender a evolução recente da técnica de taipa de mão em aldeias dessa comunidade e do seu uso coletivo e simbólico. Assim, evidenciam-se as adaptações contemporâneas tanto dos materiais quanto das técnicas e processos produtivos. O trabalho mostra como, ao longo da história da Terra Indígena estudada, esta técnica foi sendo reservada a construções ligadas às práticas coletivas e espirituais, e como ela está sendo recentemente reforçada e adaptada ao contexto contemporâneo ambiental e político. Conclui-se que a taipa de mão constitui hoje uma ferramenta de afirmação da identidade cultural e resistência territorial frente a um contexto de relação hegemônica com os territórios das margens de São Paulo.

1 VARIAÇÕES GUARANI

Os Guarani¹ são uma etnia que se constitui de diversos grupos cuja denominação varia em função dos países onde se encontram. Segundo o Equipo Mapa Guaraní Continental (2016), os Guarani contam 85.255 pessoas no Brasil, 83.019 na Bolívia, 54.825 na Argentina, 61.701 no Paraguai, totalizando 284.800 pessoas. Sendo repartidos em diversos países e contando com vários grupos², a determinação dos vários grupos guarani pode ser muito dinâmica.

Dentro da cultura guarani, caracterizada por aspectos comuns como a cosmovisão, os rituais, os costumes diários, o idioma, a alimentação, a interação com o meio ambiente, entre outros, identificam-se variações, nítidas, por exemplo, nos diversos dialetos dos Guarani. Assim, cada grupo e, às vezes cada aldeia, manifesta a cultura guarani conforme sua própria variação, influenciada, inclusive, pelas matérias-primas presentes nos ecossistemas específicos, alterando o habitat e as práticas cotidianas, ou pelos membros e

¹ De acordo com antropólogos brasileiros como Ladeira (2008), "Guarani" começa com uma maiúscula quando se refere ao povo indígena. Não é pluralizado porque eles não se consideram como uma soma de individualidades. Quando usado como adjetivo, ele é convencionalmente escrito sem maiúscula nem acordo ("os habitats guarani").

² Segundo o Equipo Mapa Guaraní Continental (2016), são cinco grupos, enquanto que, para Goés (2018, p.248 e 249), são oito grupos. No Brasil, segundo Zanin e Sattler (2007), os três principais grupos (Mbyá, Nhandewa e Kaiowá) contabilizavam 35.000 indivíduos em 2007. Já segundo no censo de 2010, os Guarani totalizavam 67.433 pessoas no Brasil.

suas próprias trajetórias, cujo papel e conhecimentos adquiridos nas mobilidades influenciam diretamente as práticas e calendários de cada comunidade. Por consequência, neste artigo, as colocações não se referem à cultura guarani como uma unidade homogênea, senão às variações encontradas durante uma pesquisa de doutorado, ainda em andamento.

Este trabalho visa abordar a cosmologia guarani que guia a relação das comunidades com o território e o habitat, tanto tradicionalmente quanto na contemporaneidade. É elencado como a tipologia e técnica construtiva tradicional constituem parte da cultura construtiva intrinsecamente ligada ao território, revelando uma visão holística, que se baseia numa ontologia relacional com os não-humanos³ do território. De forma complementar, mostrar-se como a cultura construtiva vem se adaptando, dialogando com o contexto de um território guarani fragmentado e fortemente influenciado pela ocupação da sociedade não-indígena. É evidenciado como a taipa de mão é percebida e empregada hoje na Terra Indígena (TI) do Jaraguá, identificando as adaptações feitas com relação ao contexto social, ambiental e político.

As delimitações contextuais se alimentam de aulas dadas por membros guarani e de uma bibliografia específica, principalmente oriunda do campo da antropologia e da arquitetura. Dando corpo a esse trabalho, as pesquisas de campo foram realizadas no âmbito de um doutorado em arquitetura, ainda em andamento. Os resultados expostos neste artigo provêm de levantamentos, observações participativas e entrevistas⁴ realizadas TI guarani do Jaraguá⁵. As informações coletadas são diversas formas, ou variações, de expor a mesma relação entre cosmovisão, território, habitat e modo de ser guarani⁶.

2 TERRITORIO E COSMOVISÃO

2.1 Yvyrupa na cosmologia

Na cosmologia guarani, segundo Tupã Popyguá (2017), o tempo atual pertence ao segundo mundo. O primeiro mundo surgiu do escuro, foi criado pelo *Nhanderu*, na forma do espiral de luz primordial e destruído pela submersão da água. Nas quatro direções do primeiro mundo, existiam quatro guardiões que mantinham o equilíbrio dos ciclos da natureza; sendo a do zênite, do *Nhanderu*, a quinta direção. Eram simbolizadas por cinco palmeiras azuis que não eram visíveis para o simples humano. No segundo mundo, os primeiros guardiões da plataforma terrestre são agora guardiões de uma plataforma celestial, de onde vem o *Nhe'ẽ*, que poderia se assimilar à alma dos Guarani na cultura cristã, para experimentar uma experiência terrestre, onde vão acessar à sabedoria que o *Nhanderu* deixou neste plano.

Na criação do primeiro mundo, os Guarani saíram de *Yvy Mbyte*⁷, lugar do impacto do bastão de *Nhanderu*, e foram percorrendo *Yvyrupa*, a plataforma terrestre (Tupã Popyguá,

³ Neste trabalho e de forma não exaustiva, o não-humano seria composto pelos diferentes reinos - animal, vegetal, mineral, bacteriano e vírus -, dos elementos aos quais são atribuídas qualidades imateriais tais como montanhas, vales, rios que compõem a geografia cultural de um grupo, assim como os seres imateriais.

⁴ Inicialmente, esta pesquisa previa se basear principalmente sobre pesquisas de campo de caráter etnográfico, com uma abordagem empírica e qualitativa. Porém, com a situação pandêmica, não foi possível realizar a imersão nas comunidades estudadas prolongada o quanto esperado. No entanto, com a reatividade de diversos atores Guarani reconhecidos que se organizaram para gerir recursos para as comunidades, foi possível participar de seminários e aulas remotos, específicos à cultura guarani, o que permitiu aprofundar parte da abordagem relacionada ao paradigma dos Guarani.

⁵ Entrevistados principais: Sônia Ara Mirim Barbosa, Irene Jaxuka Mirim, Poty Poran Turiba Carlos, Jurandir Augusto Martim, David Karai Karai Popyguá, Marcio Boggarim, Marciano Karai Tukumbo Boggarim (ou Nhurim) e Pedro Macena.

⁶ Nas culturas guarani, no ensino-aprendizagem, sendo uma dinâmica onde teoria e prática andam juntas, os elementos dos saberes são expostos e a pessoa-aprendiz, no caso a autora deste artigo, vai tecendo esses saberes para criar sua própria compreensão. Por consequência, os parágrafos a seguir constituem um entendimento elaborado a partir de variações sobre a cosmologia guarani.

⁷ Segundo o Elie Benites (sf, sd), a origem do povo guarani surgiu do centro do mundo, *Yvy Pyte* em Kaiowá e *Yvy Mbyte* em Mbyá, que se localiza no Leste do Paraguai, em Cerro Guazu (figura 2).

2017), formando uma espiral, no sentido anti-horário. Nesse espiral percorrido no território⁸, são denominados e localizados diversos lugares mitológicos que constituem a geografia cultural dos Guarani, conforme a história oral (figura 2). Já no segundo mundo, a plataforma terrestre, entendida como a pangeia, foi dividida em cinco continentes. Os Guarani distribuem-se no território tradicional, *Yvyrupa*, que se vê hoje desconsiderado e fragmentado pelas diversas fronteiras nacionais. No Brasil, as regiões onde se localiza *Yvyrupa* coincidem principalmente com a Mata Atlântica com a qual se associa o modo de ser dos Guarani, o *Nhanderekó* (figura 2).

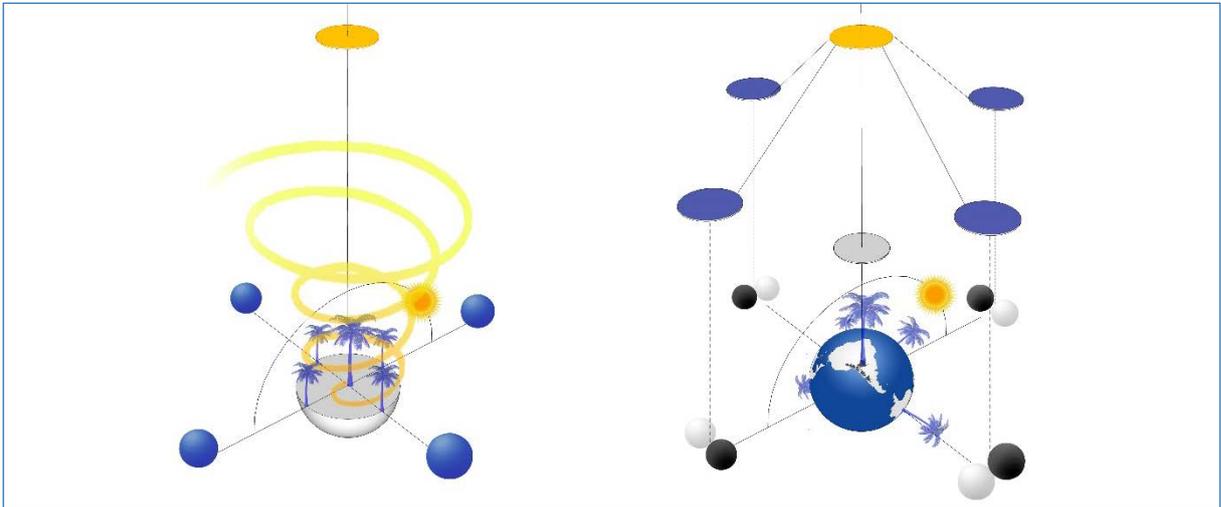


Figura 1. Desenho interpretativo de parte da cosmologia guarani

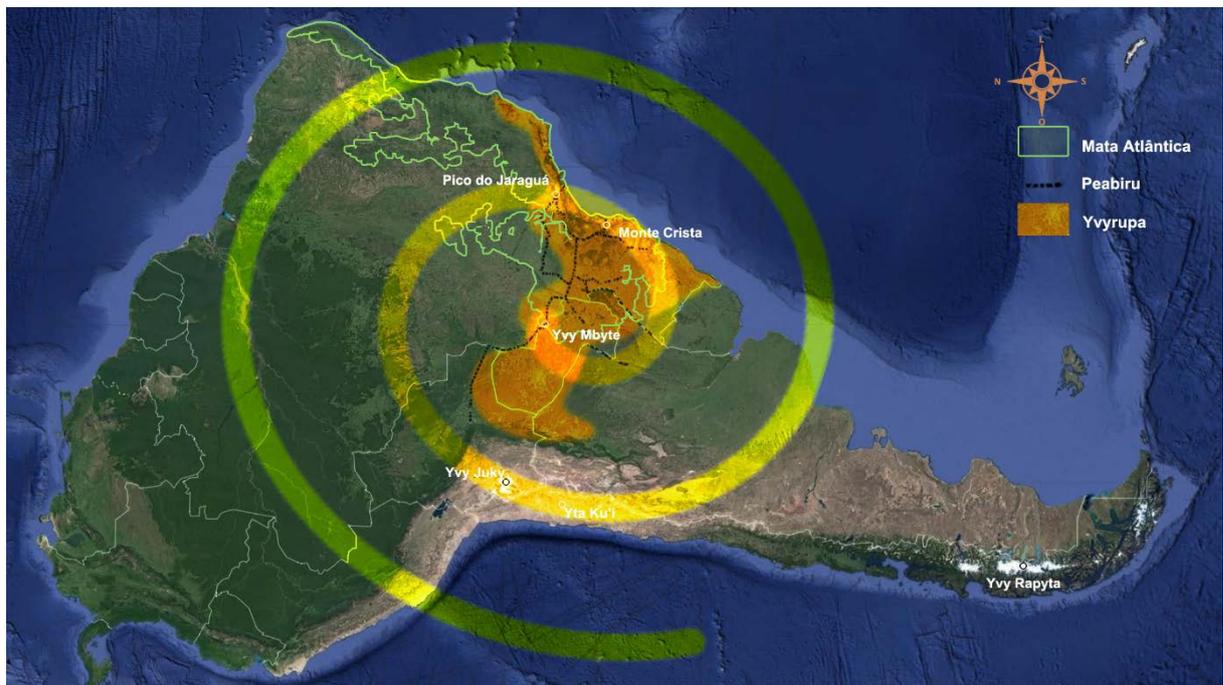


Figura 2. Localização de Yvyrupa, de lugares da geografia cultural guarani e da Terra Indígena do Pico do Jaraguá⁹

Assim, para os Guarani, a Terra é reflexo da cosmologia que orienta a percepção e concepção da realidade deles. *Yvyrupa* não existe sem vínculo espiritual com a realidade e está sendo considerado em várias escalas, tanto material como imaterial, e integra os

⁸ Ramires (2016, p.40)

⁹ A orientação principal na cosmologia guarani sendo o Leste, os mapas presentes neste trabalho são orientados com o Leste para cima.

lugares sagrados da geografia cultural, espalhados pelos territórios de vários países. Estes lugares são sagrados por causa de sua história, transmitida pelos mitos que testemunham a ocupação regular ou pontual de lugares específicos. Assim, algumas montanhas são designadas como guardiãs e memória da Terra, de seus ecossistemas, de seus habitantes humanos e não-humanos e servem de marcadores quando localizadas ao longo do Peabiru, uma estrada pré-colonial que liga diferentes pontos da costa atlântica à região andina do Peru (figura 2).

2.2 Mobilidade e habitat

Os Guarani têm uma concepção muito ampla do habitat e da sua relação com o universo e a cosmologia deles. Um dos aspectos específicos deste povo é a mobilidade entre os lugares de estabelecimento, as *tekoá*. *Teko* significando vida e o sufixo *-á* referindo-se ao lugar, a *tekoá* designa o lugar que apresenta os aspectos necessários para manter o *Nhanderekó*, na dimensão simbólica e material, assim como os não-humanos que interagem com o povo guarani.

Segundo Grünberg (2008, p.10), os Guarani sempre se deslocaram de forma periódica, aproximadamente a cada 10 anos, de uma *tekoá* para outra, por motivos demográficos, ecológicos e espirituais. Essa mobilidade, que pode ser concebida como uma territorialização dinâmica, respeitava a resiliência do lugar, garantindo a possibilidade de retornar mais tarde a uma *tekoá* que, pela ocupação, pertence doravante à geografia cultural guarani.

Com o material e o espiritual estreitamente imbricados na concepção de mundo e nas práticas no território, as *tekoá* são formadas com base na cosmologia e na configuração natural do ecossistema local. Assim, como acontecem com as montanhas, lugares onde se localizam certos vales, rios ou espécies vegetais são privilegiados para o estabelecimento de uma comunidade. Segundo Ladeira (2008), o pindó (*Syagrus romanzoffiana*), espécie de palmeira encontrada regularmente em todo o território, seria a materialização das palmeiras azuis que sustentam o mundo guarani. Consequentemente, a presença desta indica um lugar favorável para a instalação de uma comunidade, tanto por causa da referência mitológica como por causa material, por marcar a presença de água no território e ser utilizada para a construção de casas, a alimentação ou o uso medicinal. Assim, as necessidades fisiológicas e materiais são indissociáveis das necessidades espirituais.

O modo de interagir com o entorno, onde as plantas e animais só podem ser extraídos com parcimônia para preservar a relação harmoniosa com seus guardiões espirituais (Guarani, 2020), exclui uma exploração intensiva. Assim, os Guarani precisam de um território grande o suficiente para fazer perdurar certas interações, inclusive com plantas não cultivadas especificamente dentro das *tekoá*, mas coletadas na Mata Atlântica. No entanto, desde a ocupação do território pela sociedade moderna, a propriedade prevalece sobre o uso da terra, os ecossistemas sofrem cada vez mais da atitude predatória com os chamados recursos materiais, e os Guarani encontram-se cada vez mais em dificuldade para perpetuar sua relação com e dentro do *Yvyrupa*. De fato, a princípio¹⁰, a demarcação das TIs permite que os Guarani tenham suas *tekoá* reconhecidas a nível institucional, mas os limita, tanto nas migrações coletivas quanto na interação com o não-humano dentro do habitat. Segundo Ladeira (2008, p.42), "a demarcação significa a retaliação de seu território e seu próprio confinamento". No entanto, a demarcação de TIs representa um compromisso para manter parte dos princípios do *Nhanderekó* frente à pressão do modo de vida hegemônico. Atualmente, individualmente ou por núcleo familiar, é que a prática da mobilidade é mantida,

¹⁰ Cabe destacar que, atualmente, as garantias institucionais que reconhecem e consolidam o direito dos Guarani à permanência estão em xeque no Brasil. Tanto no âmbito da produção de novas leis como na interpretação das existentes, os direitos territoriais dos povos indígenas são recolocados em disputa, através de iniciativas do próprio Estado. Esse processo, em meados do ano de 2021, é também marcado por mobilizações e resistências por parte dos povos indígenas, de agentes sociais brasileiros e de instituições internacionais pela salvaguarda dos direitos dos povos tradicionais. Motivo da sugestão: fica melhor inserido no objeto do artigo. Para mais informações, consultar o site da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) <https://apiboficial.org>

tanto no termo de pessoas e saberes, quanto no de plantas e sementes da própria cultura guarani, da própria Mata Atlântica, perpetuando uma relação de coabitação numa coelaboração do habitat.

3 CULTURA CONSTRUTIVA GUARANI NO JARAGUÁ

3.1 As questões da terra indígena do Jaraguá

A TI Pico do Jaraguá é encravada entre três rodovias e a periferia da cidade de São Paulo. É habitada desde os anos 1950, na Tekoá Ytu, que foi reconhecida em 1987 com a superfície de 1,7 hectares, sendo a menor TI do Brasil. Desde a sua constituição, a região representa um local de migração guarani e, nos anos 1990, a parte dos cultivos foi transformada numa segunda *tekoá*, a Tekoá Pyau (Pimentel, 2013). Após anos de reivindicação, a TI foi reconhecida e declarada pelo governo em 2015, com 532 hectares. No entanto, os interesses fundiários e imobiliários da área, assim como sua sobreposição com os limites do Parque Estadual do Jaraguá (figura 3), criaram vários conflitos, inclusive judiciais, que fizeram com que ainda não esteja fisicamente demarcada¹¹.

Atualmente, a TI conta com cerca de 700 membros, distribuídos em seis *tekoá*. O Pico do Jaraguá é o ponto mais alto do município de São Paulo, com 1135 m de altitude. Ele é considerado pelos Guarani como um lugar sagrado dos ancestrais e, por sua altitude, constitui um marco na paisagem, que foi usado como indicador para o percurso dos caminhos pré-coloniais. Considerando os interesses fundiários de uma ilha de Mata Atlântica na beira da capital econômica do país, a atual repartição das *tekoá* consiste numa estratégia de ocupação territorial circundando o Pico e o parque, para vigiar os riscos de invasão da mata para construções ou explorações de recursos ilegais. Foi justamente uma tentativa de cercamento e ocupação ilegal na margem do parque que conduziu à criação da Tekoá Yvy Porã.

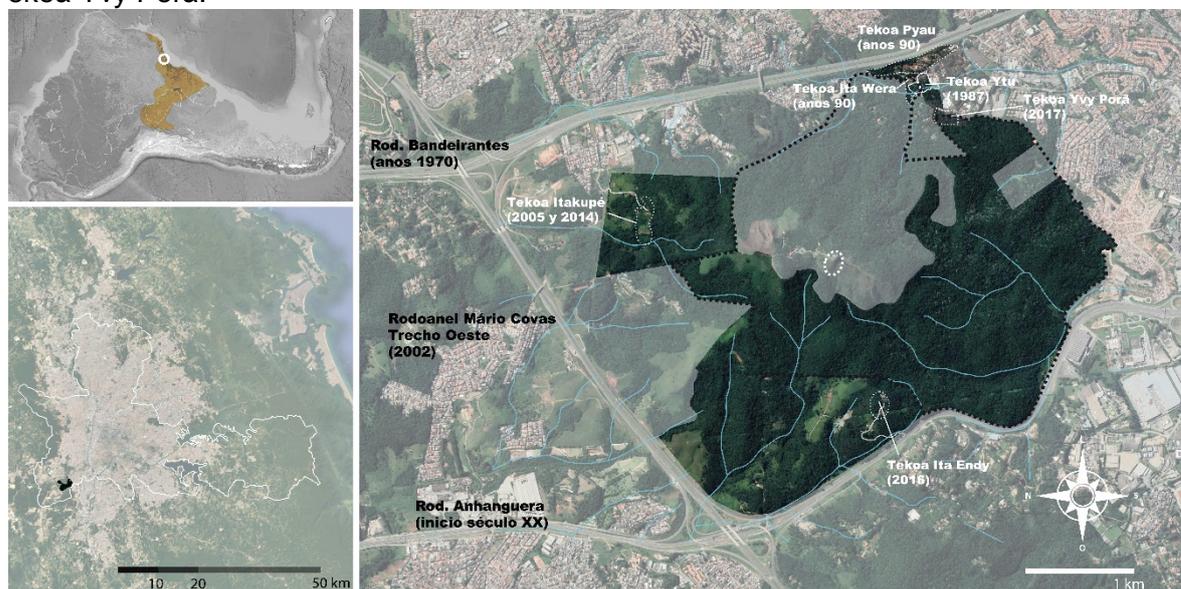


Figura 3. Localização do Pico do Jaraguá, das *tekoá* na TI e do parque

3.2 Organização da *tekoá*

Tradicionalmente, a *tekoá* consiste num espaço geográfico onde se localizam as casas unifamiliares, dentro de pequenas clareiras, protegidas pela vegetação nativa (Schaden, 1974). Segundo Noelli e outros (2019), a *tekoá* era constituída pela aldeia sede, as suas

¹¹ Para a homologação de uma TI as etapas são as seguintes: identificação por uma equipe de pesquisadores que determina a delimitação da terra, a declaração da TI mediante a inscrição no Diário Oficial da União, a compensação pelo governo dos proprietários presentes dentro do perímetro, a demarcação física que leva à homologação.

trilhas, as áreas de cultivo e roças, as áreas de coleta, caça e pesca. No entanto, durante as entrevistas realizadas, ficou claro que atualmente a *tekoá* diz respeito à porção de território onde se localizam as construções, sendo que as regiões de coleta (inclusive de matérias para a construção ou o artesanato) constituem um território mais amplo, a TI.

Independente do número de famílias, a *tekoá* se estabelece a partir de uma liderança espiritual, às vezes junta com uma política, ao redor da qual se estabelece uma grande coesão social. As lideranças consideram o modo de organização espacial como essencial ao *Nhanderekó*, sendo que muitos dos elementos constituídos a *tekoá* são comuns a todos os membros, humanos e não-humanos, e permitem a convivência coletiva. Assim, tradicionalmente, o conjunto de casas pertencia a uma mesma família extensa (avós, filhos, netos e bisnetos) (Ladeira, 2008) enquanto hoje podem ter convívios entre grupos (Mbyá, Nhandewa, Kaiowá). As casas podiam assimilar-se a um quarto, o necessário para passar a noite e guardar as pertências, e aquelas de um mesmo grupo familiar se organizavam relacionadas com a cozinha coletiva, a *tataopy*, a casa do fogo. Nela a família compartilhava os momentos cotidianos de contar os sonhos, tomar o chimarrão, e compartilhar as refeições. Atualmente, na *tekoá* Yvy Porã e na Itakupé, a cozinha coletiva é utilizada de forma cotidiana. Na *Teokoá* Ytu, aldeia mais densa, a *tataopy* é utilizada principalmente quando se tem atividades coletivas, envolvendo membros da comunidade ou parceiros não-indígenas.

Para os Guarani, a *opy*, a casa de reza, é considerada a coluna vertebral de cada comunidade que permite a perpetuação da conexão física e espiritual com o território, o meio ambiente e seus elementos. Constitui um lugar de práticas cotidianas que contribuem para a coesão social, um lugar de decisões importantes para a governança da comunidade, um lugar de transmissão do conhecimento coletivo e dos valores culturais, entre outros. O evento, que marca a mudança do estatuto de acampamento, como um lugar de passagem, para o estatuto de *tekoá*, é a construção da *opy*, a *tekoá* sendo o "produto da *opy*". Assim, toda *tekoá* conta com essa construção. Para Ladeira (2008, p.162), "a *Opy*, como lugar onde se realizam as rezas coletivas, ritualiza a *tekoá*." Sua centralidade deve ser considerada não num sentido geométrico, mas no sentido cultural e espiritual. Orientada segundo o eixo Leste-Oeste para dirigir as orações para a parede leste, lugar da aparição cotidiana do sol, ela pode ser colocada no centro da *tekoá*, com a praça ao redor, ou um pouco mais afastada, limitando a exposição ao olhar do visitante, ou ser inserida na mata, para preservá-la das visitas inopinadas.

Uma *tekoá* permite preservar o *Nhanderekó*, e conta, em primeiro lugar, as construções que perpetuam a organização social e cultural tradicional, como as casas, a *tataopy* e a *opy*. Num segundo momento, as construções que permitem a relação com o mundo não-indígena, como a escola e o posto de saúde, são reivindicadas, e geralmente implementados mediante políticas públicas, assim como em outros contextos do território nacional.

Os Guarani consideram o coletivo como um dos elementos constitutivos do *Nhanderekó*, apesar de das alterações devidas às proximidade do modo de vida do não-indígena. Assim, os Guarani entrevistados afirmam que, sem coletivo, não há *tekoá*, ecoando com a fórmula de Meliá "sin tekoha¹², no hay teko" (p.10, 1981). Entende-se que, o coletivo, de forma gradual, faz diversas escalas de espaço, do unifamiliar à família extensa, à *tekoá*, à rede de *tekoá* até *Yvyrupa*, e diversas escalas temporais, que seja no cotidiano, ao longo dos ciclos da natureza, que serão pontuados por rituais coletivos, ou nos ciclos de vida. Da mesma forma que a mobilidade, tem a ver as trocas e reciprocidades entre *tekoá* e famílias. O coletivo também alimenta as reciprocidades, pelas práticas sociais, mutirões ou rituais (Ladeira, 2008). Assim, para certas atividades específicas, como a construção de um equipamento coletivo dentro da Yvy Porã, apesar de ter pessoas que sabem trabalhar na construção dentro da *tekoá*, foi escolhido chamar pessoas de outra *tekoá* para contribuir, mantendo-se as relações através das práticas construtivas, estreitando os laços territoriais.

¹² *Teokoá* é a ortografia Mbyá e Nhandewa, quando *tekoha* diz respeito aos Kaiowá.

3.3 A construção tradicional guarani

Tradicionalmente, as construções na região da Serra do Mar eram feitas apenas com os materiais do território local, da Mata Atlântica. Esse tipo assemelha-se à própria lógica da Mata Atlântica onde os troncos representam a estrutura do bioma; as folhas, a copa, além do telhado, e seus cipós¹³ conectando as árvores e arbustos entre si (Zibel Costa, 1989).

A madeira, fincada no chão e de forma vertical, serve de estrutura principal e secundária. Tradicionalmente, as madeiras utilizadas para a estrutura eram duas espécies da Mata Atlântica ligadas ao sustento dos mundos dentro da cosmologia guarani: o cedro (*yary* em guarani) e o pindó. Como foi repertoriado no Rio Grande do Sul, outras essências são empregadas, em função do ecossistema local, como o xaxim, a araucária, canela ou o louro (Zanin, 2006). A importância cosmológica do pindó já foi exposta, na correlação com as palmeiras azuis, quando o cedro *yary* está relacionado a *Nhanderu*, o criador de mundos (Clastres, 1978). Esta árvore simboliza também a reciprocidade entre a terra e o céu, pois tem um volume equivalente de ramos e raízes (Thurmann Prudente, 2007). O *yary* é também usado para confeccionar objetos rituais na *opy* ou para a medicina tradicional. Por fazer a conexão entre o terrestre e o celeste, entre a vida e a morte, o *yary* serve especificamente para a confecção da parte da canoa no *ambá*, altar na *opy* do Jaraguá, considerada um portal de comunicação com os ancestrais por conter os *Nhe'ẽ* dos Guarani. Quando a casa é revestida com barro, uma estrutura terciária pode ser feita de *takuara*¹⁴ e amarrada também com cipó, para facilitar a aderência da terra. A parte de barro é denominada *yvypó*, *yvy* correspondendo a Terra como planeta ou como material e *pó* à palma da mão, *yvypó* significa terra aplicada ou moldada pela mão.

O telhado usava folhas de palmeiras *pindó* ou de sapé, uma gramínea que pode ser cultivada em certas partes. Por ser de fibras naturais, um telhado tinha geralmente uma durabilidade de aproximadamente 10 anos, necessitando de uma inclinação acentuada para garantir essa durabilidade. Por consequência, a manutenção necessária permitia a transmissão da técnica aos mais jovens pela prática. As amarrações entre madeiras ou para prender as fibras do telhado eram feitas com cipó.

Para a atividade construtiva, uma família convocava membros da *tekoá*, em função dos laços de parentesco e afinidades, assim como das aptidões. O núcleo familiar, que se beneficiava com a construção, providenciava a comida para todos os participantes, sendo a ocasião de uma verdadeira festa, praticando a reciprocidade direta. Essa atividade permitia manter as relações próximas dentro da *tekoá* e integrar a coletividade no cotidiano.

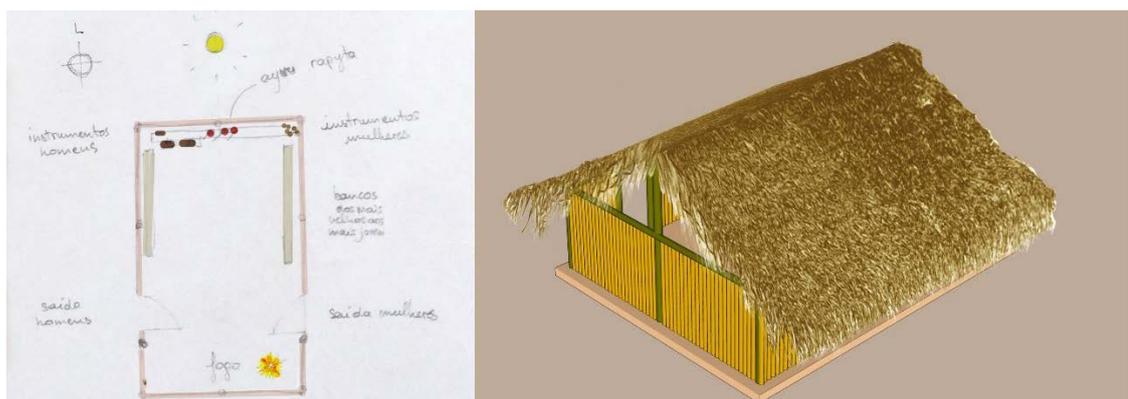


Figura 4. Planta da antiga *opy* da Itakupé; ilustração de um telhado de tipologia tradicional

Na TI do Jaraguá, a *opy* nunca deixou de ser de taipa de mão, a técnica de construção tradicional guarani da região. Esse fato demonstra dois aspectos fundamentais: a importância desta construção para a perpetuação do *Nhanderekó* e, da mesma forma, a importância da

¹³ O cipó é a palavra usual para designar a liana, trepadeira nativa das matas brasileiras.

¹⁴ ou taquara, versão aportuguesada da palavra tupi *takuara*, designando um tipo de bambu fino.

técnica construtiva, sendo sistemática para a construção que ancora a comunidade ao território.

Para sua construção, quem decide a localização e orientação é o *xamõi*, o meu avô, a liderança espiritual. Depois, as pessoas são chamadas para um *potirõ* (mutirão), em função das suas aptidões, sendo geralmente os homens que vão realizar a estrutura de madeira e o telhado, as mulheres providenciando a alimentação, os jovens alimentando o fogo em lenha, e os mais jovens trabalhando junto com as mulheres na aplicação do barro. Atualmente, em casos específicos, alguns parceiros *Juruá* podem participar para reforçar os laços de parceria ou introduzir os futuros parceiros em vivências que podem ajudar a perceber melhor a realidade de cada *tekoá*.

O par de pilares que sustentam a cumeeira é fincada diretamente no chão. Essa estrutura corresponde ao casal de avôs que sustentam a comunidade guarani. As madeiras periféricas, estruturais também, formam um retângulo e simbolizam as casas de pais que protegem a comunidade. Vêm, depois, as madeiras mais finas que fecham as paredes que se pode associar à força física das crianças e jovens da comunidade. As casas dos Guarani são então principalmente de madeira, reflexo do ecossistema da Mata Atlântica.

No entanto, devido ao clima na região da Serra do Mar do litoral Sudeste, com épocas mais frias, o uso do barro mediante a técnica construtiva da taipa de mão é mais generalizado. Segundo algumas mulheres, os Guarani, tendo uma conexão forte com a Terra, que lhes dá a energia e força da vida, o barro se faz necessário para trazer a energia para dentro da casa, especificamente da *opy*. Por consequência, o piso precisa ser de barro, para manter o ancoramento, e o barro "se transporta para as paredes" conectando-as diretamente com os espíritos guardiões da terra, protegendo o ritual de rezo que acontece dentro da *opy*. Assim, especificamente durante a etapa de barreamento, as crianças costumam misturar a terra com a água, geralmente excavada perto da *opy*, e juntam-se às mulheres para contribuir com o barreamento. As crianças, tendo uma energia de pureza, é importante que tenha a marca das mãos, e então das suas energias, no material que constitui a proteção dos rituais. Assim, no processo da construção, identifica-se a inserção das três idades: no planejamento pelos mais velhos, na construção da estrutura, pelos homens – viabilizada pelo apoio logístico das mulheres e jovens –, e no barreamento pelas mulheres e as crianças.

Assim, os materiais empregados na taipa de mão correspondem ao ecossistema e vão se assimilar à configuração da própria Mata Atlântica, com o chão, os troncos e a copa. Um conhecimento minucioso do território é necessário, para apontar os lugares onde se extrai certas essências de madeira, as palmeiras ou as gramíneas, as takuaras, que têm um ciclo de vida renovado a cada trinta anos e a terra para artefatos específicos como o *petyngué*, o cachimbo ritual, que pode ser de cerâmica ou de cedro. Tanto os materiais, quanto os tipos e formas de usar os artefatos, fazem referência à concepção cosmológica, reforçando também a indissociabilidade do material e do espiritual no cotidiano, nos ritmos anuais e da natureza, e no próprio ciclo de cada vida humana. Assim, a técnica construtiva nasce da associação do ecossistema com a cultura e a construção tradicional em taipa de mão se *faz território*, material e espiritualmente, perpetuando aspectos do *Nhanderekó* como o coletivo e a reciprocidade, a complementariedade de gênero e de idade, a conexão com o território e a perpetuação do *Nhanderekó*.

4 VARIAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE COMO RESISTÊNCIA TERRITORIAL

Embora os princípios cosmológicos, que levam às formas de vida, sejam muitas vezes os mesmos, existem variações na expressão oral e material ligadas às práticas mitológicas, tanto entre grupos guarani como entre *tekoá* dentro de um mesmo grupo. Essas variações são dinâmicas e vão evoluindo no tempo, acompanhando assim as evoluções culturais próprias de cada grupo.

Esta parte concentra-se na evolução das arquiteturas contemporâneas na TI do Pico do Jaraguá. Evidenciam aqui as variações identificadas nas últimas décadas tanto no tipo

quanto nos materiais empregados, e como a declaração da TI do Jaraguá impactou nestas soluções. São expostas algumas inovações que surgiram com relação ao tipo da *opy* e com relação à cultura construtiva e os materiais e técnicas associadas.

Em termos do tipo, na TI do Jaraguá, as *opy* podem ter um formato retangular, conforme ao modelo tradicional, como foi implementado para a antiga *opy* na Tekoá Itakupé, ou apresentar a parede oeste com um formato arredondado. Sendo a parede onde se localiza o fogo, esse formato permite que todas as pessoas possam aproveitar do calor com a mesma intensidade. Essa inovação foi realizada pelo líder espiritual José Fernandes, na TI Tenondé Porã, ao sul do Município de São Paulo, em Parelheiros, TI parceira da TI do Jaraguá. Por ser efetuada por um líder espiritual reconhecido por grande parte das aldeias da região, esta inovação foi difundida pelos discípulos em diversas comunidades. O *ambá*, também é inovação do xamôí Jejokó, da TI Ribeirão Silveira, mais próxima ao litoral, de quem o líder Fernandes foi discípulo. Esse altar é composto de uma cruz, que representa as quatro orientações terrestres, um arco com penas, o *apyká*, que faz conexão com o *Nhanderu*, e a canoa. Por ser inovação de um clã específico, também foi difundida, pelos discípulos, e não se encontra em outras aldeias Mbyá, mais ao Sul ou Oeste, apesar de ser do mesmo grupo guarani. A parte de cima da parede leste é geralmente de fibras e não revestida, de tal forma que, os primeiros raios do sol possam entrar de manhã na *opy*, tocando o chão de terra e o *ambá* para purificá-los.

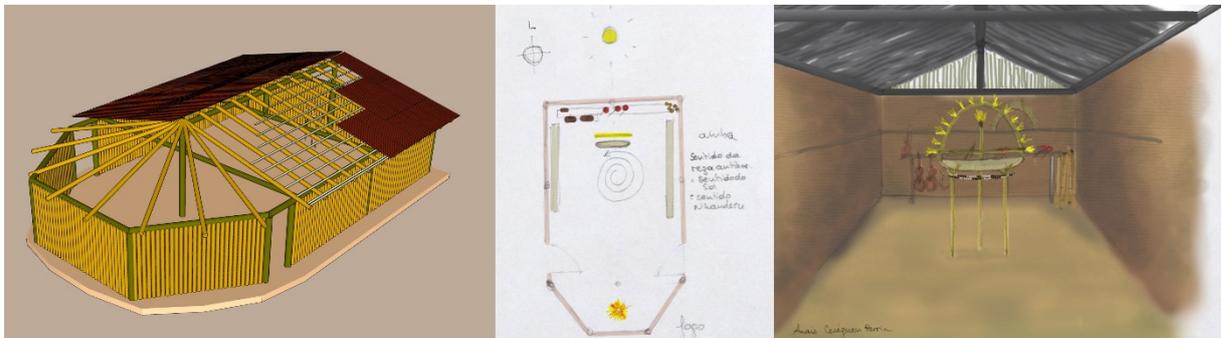


Figura 5. Opy da Yvy Porã; ilustração da planta com a parede oeste redonda e o *ambá*

Em termos de técnica construtiva, no momento da criação das Tekoá Ytu e Tekoá Pyaú, as condições eram precárias, com poucos recursos naturais disponíveis, o Parque Estadual estava interditado para extração das matérias-primas para a construção tradicional. Por consequência, soluções de construção utilizando tipos e materiais convencionais foram implementadas por ONGs e programas institucionais. Os resultados destas intervenções foram mitigados: de acordo com alguns representantes da comunidade, estas construções, embora respondendo a uma situação de emergência, não correspondem ao *Nhanderekó* por serem empregados materiais industriais. As casas cujos tipos mais se aproximavam ao *Nhanderekó*, configuradas num quarto, foram feitas de tábuas cortadas e pregadas, desconsiderando a importância de entender a procedência material e espiritual dos materiais. As casas, implementadas pelo programa CDHU¹⁵, foram impostas pelo governo sem muita concertação com a comunidade, segundo os interlocutores encontrados. São casas de tipo implementado no meio rural, com quartos, sala, banheiro e cozinha unifamiliar, individualizando o cotidiano das famílias. Sendo de bloco cerâmico, foi também denunciado o fato de tirar a autonomia, deixando os Guarani dependentes dos materiais industrializados, vindos de fora. Do ponto de vista da percepção da comunidade pelos não-indígenas, os Guarani queixam-se de que as *tekoá* mais antigas são percebidas como favelas e não *tekoá*.

¹⁵ Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo



Figura 6. Exemplo do modelo de casa do programa CDHU realizada na Tekoa Ytu: casa de tábua realizada pela ONG Teto na Tekoá Pyau, personalizada pelos membros da comunidade com pinturas tradicionais e, na Itakupé, personalizada por um grupo de grafiteiros (Crédito: Thiago Lopes Ferreira)

Com a declaração da TI em 2015, num contexto de relativa estabilidade fundiária, os Guarani empreendem atividades de construção destinadas a afirmar sua identidade e cultura no território, o que inclui o uso de técnicas tradicionais de construção que constituem um marco paisagístico específico para as comunidades mais recentes. No entanto, a demarcação tem, por consequência, fixar as comunidades em espaços muitas vezes restritos, impactando na disponibilidade de certos recursos, particularmente no que diz respeito às espécies vegetais que, às vezes, têm ciclos de vida longos, como a takuara. Especificamente, a TI do Pico do Jaraguá tem sua biodiversidade alterada, devido a um processo de monoculturas sucessivas e urbanização acelerada. Por consequência, os recursos para a construção tornaram-se mais escassos. Numa dinâmica que garante a sobrevivência do grupo, os Guarani do Jaraguá adaptam suas técnicas ao contexto local. Em suas *experiências de atualização cultural* (Gallois, 2006, p.21), os Guarani procuram utilizar materiais locais ou ecológicos com o objetivo de ter baixo impacto ecológico e um certo grau de autonomia, garantido, em partícula, pelo acesso a recursos materiais e imateriais como o conhecimento e saber-fazer associados. Assim, eles garantem uma utilização moderada dos recursos, tanto por razões econômicas como por razões ligadas ao estilo de vida guarani, que advoga certa frugalidade. Por exemplo, eles optam por substituir a madeira tradicional da estrutura principal por eucalipto, às vezes tratada contra invasões de insetos; a estrutura secundária é feita de eucalipto bruto (cortado no local ou comprado localmente); o bambu da estrutura terciária é geralmente substituído por ripas de madeira e as fibras do telhado pelas telhas qualificadas de ecológicas, feitas de fibras vegetais com betume, ou com materiais reciclados.

Diante do desafio de retomar as práticas relacionadas com os recursos locais, tanto materiais quanto do saber-fazer, foi realizada uma atividade em parceria entre a TI do Jaraguá e o HABIS (IAU/USP)¹⁶, da qual participou a autora¹⁷. Esse projeto foi resultado de uma chamada pela comunidade, após a declaração da TI, no objetivo de retomar a aplicação da técnica construtiva tradicional nas casas, a larga escala e com uma perenidade adequada com o contexto contemporâneo local mediante detalhes técnicos específicos. Foi definido junto com a comunidade da Tekoá Ytu que seria construído um banheiro seco que iria também contribuir para enfrentar as condições precárias de saneamento básico. Conversando com eles, foi escolhida a técnica construtiva da taipa de mão, com estrutura principal de madeira e secundária com um trançado de bambu. A terra do barreamento foi adicionado o feno, para diminuir as fissuras e assim dar mais durabilidade. Por fim, foram executados revestimentos de terra e terra estabilizada com cal, trabalhando também a estética guarani nos acabamentos. O resultado foi uma construção realizada em canteiro participativo, onde os membros da comunidade foram proativos, experimentando as soluções propostas. A construção finalizou em novembro de 2017. Apesar de ser muito apreciada e citada como um modelo adequado para casa, o sistema de banheiro seco foi dificilmente apropriado pelos membros da Tekoá Ytu, principalmente no que diz respeito à manutenção do sistema.

¹⁶ Grupo de pesquisa em Habitação e Sustentabilidade do Instituto de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo, em São Carlos, SP.

¹⁷ Para mais informações, consultar <https://habitatguarani.wordpress.com/>



Figura 7. Realização do banheiro seco em parceria com os membros da Tekoa Ytu, 2017 (Fotos: 01- Marco Murillo Partel, 02-03-04- Autora)

No entanto, na Tekoa Yvy Porã, em 2020, começaram a construir um banheiro seco, utilizando a mesma técnica, com parte da mesma equipe. Foi realizada uma variação na estrutura, combinando a estrutura guarani com as madeiras verticais, porém, mais espaçadas, para inserir a terra misturada com feno. Os membros responsáveis pela realização desta construção seguem em contato com a autora para implementar essa solução específica ao barreamento e os acabamentos em novas casas, também previstas para ser realizadas em taipa de mão.



Figura 8. Reprodução do banheiro seco e alteração do espaçamento da estrutura secundária para a aplicação do barreamento com feno, Tekoa Yvy Porã, 2021 (fotos da autora)

A maioria das casas conservam o desenho de um quarto único, com uma estrutura de madeira elevando as casas do chão para limitar o risco de subida da umidade por capilaridade na terra, e contando com varandas de madeira. Com relação à base das paredes, foi indicada a execução de uma base de parede com um material que possa resistir à água. Implementou-se assim o bloco de cimento na base das paredes da nova cozinha acoplada com o ateliê coletivo. Uma das casas construídas foge do padrão guarani, segundo o proprietário, que atua com autoconstrução, por ter vários cômodos e uma cozinha. Ele considera que é uma adequação entre o tradicional e o convencional, empregando materiais que possibilitam ser autônomo e proativo na construção. Neste caso, a estrutura de madeira é eucalipto, o que evita o corte da madeira local, poupando o ecossistema local e evitando a negociação com os guardiões espirituais locais.



Figura 9. Detalhes de inovação para as bases de parede, com bloco de cimento ou elevando a construção, Tekoa Yvy Porã, 2021

Para o fechamento das paredes, alguns núcleos familiares escolheram fechar provisoriamente as paredes com placas de madeirite e outros já com a própria taipa de mão. Nesse caso, no que diz respeito à estrutura terciária, uma inovação já implementada desde alguns anos nas *opy* da TI é, como foi mencionado, a utilização de ripas do mercado local,

tendo em vista que as takuaras são escassas no território. Outra inovação é a utilização de varas de jovens cafeeiros, para limitar os gastos na compra de um material industrial. Essas árvores foram introduzidas nesta região do Jaraguá, na época da produção de café, assim como o eucalipto, para a produção de celulose. Os Guarani, tendo como objetivo de, ao médio e longo prazo, substituir as espécies introduzidas por espécies nativas, e os jovens cafeeiros apresentando varas retilíneas e de formato regular, estas foram cortadas e utilizadas no lugar da takuara. Para substituir o cipó, desde alguns anos, os membros da comunidade usam arames e pregos que são mais fáceis de obter. No momento da escrita deste artigo, os Guarani da Tekoá Yvy Porã estão implementando o barreamento com terra misturada com feno em diversas construções e estão experimentando a aplicação de revestimentos de terra.



Figura 10. Estrutura terciária de takuara fixa com pregos, de ripas, e de jovens cafeeiros com arame

5 CONSIDERAÇÕES

Segundo Ladeira (2008, p. 137), os Guarani "não atribuem o mesmo tipo de valor a um espaço produzido por tecnologias alheias que não foram incorporadas por eles". O caso de uso dos jovens cafeeiros é uma destas soluções experimentadas em função dos recursos locais, adequando-se com o objetivo de manutenção do meio ambiente local. Ainda segundo essa autora (*Ibid*, p.184), a "constante busca de alternativas para manterem um padrão cultural guarani, em condições tão adversas, leva-os, muitas vezes, a encontrarem soluções criativas e originais, com o uso de elementos que, deslocando de sua condição de 'exterior', vão incorporando como formas de vida". A prática construtiva realizada com o HABIS junto aos Guarani há, com o passar do tempo, demonstrado sua eficiência e contribuindo com a técnica construtiva tradicional, propiciando a apropriação dos elementos considerados pertinentes pela comunidade. Assim, as diversas soluções podem ser implementadas na conjugação dinâmica de aportes de outros grupos, experimentações e apropriações em termos de tipologias e materiais disponíveis no contexto específico.

Parte desse processo, as dinâmicas variam também, associando a inserção de brigadas de Guarani dedicadas à manutenção do habitat dentro da aldeia, com mutirões dos membros da *tekoá* e dos parceiros *Juruá*. Num objetivo de autonomia, os Guarani procuram recursos para a compra dos materiais necessários mediante editais ou a arrecadação de recursos com campanhas solidárias para implementar suas próprias inovações. Podem ser estabelecidas alianças com outros povos, incluindo os *Juruá*, que apresentam conhecimentos que os Guarani consideram relevantes para seus direitos, territórios, modos de vida e habitats, conhecimentos que podem alimentar o *Nhanderekó* no contexto territorial, ambiental e político. Assim, em relação ao habitat, eles estabelecem alianças no campo da permacultura, da agroecologia ou da arquitetura ecológica, fortalecendo também uma rede de parceria com o *Juruá*, atualizando as redes de colaboração não só dentro das comunidades mas também com o território mais amplo e seus atores.

Pelo fato da TI ser reduzida com relação ao modo de vida tradicional, os Guarani procuram inovações na cultura construtiva em termos de materiais, processos e redes, buscando a coerência com o *Nhanderekó*, a cosmologia, o ecossistema e favorecendo a autonomia. Pelas recentes experiências de atualização cultural, afirmam sua identidade cultural resistindo frente ao avanço da metrópole hegemônica de São Paulo no território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLASTRES, Hélène (1978 [version française 1975]). Terra sem mal. São Paulo: Editora Brasiliense.
- EQUIPO MAPA GUARANÍ CONTINENTAL (2016). Cuaderno mapa guaraní continental: pueblos guaraníes en Argentina, Bolivia, Brasil y Paraguay. Campo Grande: Gráfica Mundial.
- GALLOIS, Dominique T. (org) (2006). Patrimônio imaterial e povos indígenas. São Paulo: Iepé.
- GOÉS, Paulo Roberto Homem de (2018). Morfológicas: um estudo etnológico de padrões socioterritoriais entre os kaingang (dialeto Paraná) e os Mbya (litoral sul). Tese de doutorado em Antropologia. Brasil: Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
- GRÜNBERG, Georg (coord.) (2008). Guarani Retã, povos Guarani na fronteira Argentina, Brasil e Paraguai: UNaM, ENDEPA; CTI, CIMI, ISA, UFGD; CEPAG, CONAPI, SAI, GAT, SPSAJ, CAPI.
- GUARANI, Jerá (2020). Tornar-se selvagem. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, p.12–19.
- LADEIRA, Maria Inês (2008). Espaço geográfico Guarani-Mbyá : significado, constituição e uso. Maringá PR: Eduem; São Paulo: Edusp.
- MELIÁ, Bartomeu (1981). El "modo de ser" guarani en la primera documentación jesuítica (1594-1639). In: Revista de Antropología, Vol. 24, p.1-24.
- NOELLI, F. S.; VOTRE, G. C.; SANTOS, M. C. P.; PAVEI, D. D.; CAMPOS, J. B. (2019). Ñande reko: fundamentos dos conhecimentos tradicionais ambientais Guarani. In Revista Brasileira De Linguística Antropológica, 11(1), p.13-45.
- PIMENTEL, Spensy Kmitta (coord.) (2013). Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Jaraguá. In: Diário Oficial da União, Seção 1, nº82, 30/04/2013.
- RAMIRES, Lídio Cavanha (2016). Processo próprio de ensino-aprendizagem Kaiowá e Guarani na Escola Municipal Indígena Nandajara Pólo da Reserva Indígena Te'yikue: saberes Kaiowá e Guarani, territorialidade e sustentabilidade. Dissertação de mestrado em educação. Brasil: Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande.
- SCHADEN, Egon (1974 [1913]). Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo: USP.
- THURMANN PRUDENTE, Letícia (2007). Arquitetura Mbyá Guarani na Mata Atlântica do Rio Grande do Sul: estudo de caso do Tekoá Nhüu Porã. Dissertação de mestrado. Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- TUPÃ POPYGUÁ, Timóteo Verá (2017). Yvyrupa, A terra uma só. São Paulo: Editora Hedra.
- ZANIN, Nauíra Z. (2006) Abrigo na natureza: construção Mbyá-Guarani, sustentabilidade e intervenções externas. Dissertação de mestrado em Engenharia. Brasil: Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- ZANIN, Nauíra Z.; SATTTLER, Miguel Aloysio. (2007). Construções Mbyá-Guarani: processo construtivo como fortalecedor da sustentabilidade. In: IV Encontro Nacional e II Encontro Latino-americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, Campo Grande: ANTAC, p1238-1247.
- ZIBEL COSTA, Carlos (1989). Habitação Guarani: tradição construtiva e mitológica. Tese de Doutorado em Arquitetura. Brasil: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

AUTORA

Anaís Guéguen Perrin é doutoranda em arquitetura no CRAterre/ AE&CC/ ENSAG/ UGA (França) em cotutela com o HABIS/ IAU/ USP (Brasil); membro da Rede Ibero-Americana PROTERRA e da Rede TerraBrasil; como arquiteta e construtora, trabalha com arquitetura e construções ecológicas, incluindo projetos de interesse social, sensibilizações, pesquisa, no meio rural e em comunidades indígenas. Currículo completo em <http://lattes.cnpq.br/5617480606271650>